

## ESPÍRITO SANTO

A palavra no AT usada principalmente para designar o Espírito de Deus é *ruach* (רוּחַ). A palavra no NT é *pneuma* (πνεῦμα). *Ruach* refere-se à atmosfera, especialmente ao vento, que é um poder invisível, irresistível, algumas vezes benigno e benéfico, outras vezes furioso e destruidor (Gn 8.1; Êx 10.13,19; 14.21; Nm 11.31; etc.). Por analogia, a palavra era aplicada ao fôlego do homem, e visto que a respiração humana é, ao mesmo tempo, a evidência da vitalidade animal e o veículo do pensamento e paixão, a palavra significa tanto o princípio da vida, quanto o princípio espiritual distintivo no homem (Gn 6.17; Jó 17.1; Ez 37.6). Os escritores do AT também acreditavam que o homem fora feito à imagem divina, que ele tinha recebido seu fôlego vital de Deus, e, na morte, quando ele respirava pela última vez, dava seu espírito de volta para Deus. Assim Deus é descrito como sendo ou tendo o *ruach*; como Espírito essencialmente, a fonte daquele fôlego da vida pelo qual todas as criaturas vivas são animadas, e o Doador daquelas qualidades únicas que torna o homem como ele mesmo.

### Sua obra em geral

O Espírito de Deus ou o Espírito do Senhor é mencionado repetidamente em todas as partes do AT. O termo nunca foi usado para implicar claramente que o Espírito é uma Pessoa distinta do Pai e do Filho. Esse significado trinitário, que os cristãos assumem comumente ao usar o termo Espírito ou Espírito Santo, pressupõe e repousa sobre os eventos da Encarnação e Pentecostes. No AT, o Espírito é santo (cp. Sl 51.11), não porque ele é o “Espírito Santo” em distinção ao Pai e ao Filho, mas porque o Espírito pertence a Deus e vem de Deus, que é santo. O Espírito de Deus é a natureza divina considerada como energia vital. Essa energia vital que vem de Deus é relacionada tanto ao mundo, que é sua criação, quanto especialmente ao homem, a coroa da criação.

Quanto ao mundo da natureza, no início (Gn 1) o Espírito de Deus chocava como um pássaro no ninho sobre o caos inicial, sem forma. Consequentemente, do caos emergiu o cosmos. O Espírito, como a fonte de toda energia e vida, impregnou o profundo nada ou vazio disforme, e daí apareceu o comando divino ao extenso reino da ordem das coisas criadas. Uma vez que a criação tenha sido alcançada, o mesmo Espírito conserva, renova e retira a vida através de um processo contínuo no domínio da natureza (Jó 33.4; Sl 33.6; 104.30). Dessa maneira, o AT justifica o epíteto, “o Único que torna vivo”, usado para descrever o Espírito no Credo de Nicéia.

Quanto ao homem, sua vida verdadeira depende de uma doação especial do “fôlego (*neshamah*) da vida” (Gn 2.7) e o Espírito divino está por trás de todos os poderes singulares que ele possui, em distinção dos animais. O Espírito, ou fôlego de Deus é a fonte da razão humana (Jó 32.8); das suas dádivas e dons (Gn 41.38; Êx 28.3); das suas habilidades artísticas como no caso de Bezalel (Êx 36); da sua astúcia na guerra como exemplificado em Josué (Dt 34.9); do seu heroísmo como exposto em Juízes (Jz 13.25); da sua sabedoria, como celebrada em Salomão (1Rs 3.28); dos seus discernimentos religiosos e éticos vistos na inspiração dos poetas e profetas (Nm 11.17,25s, 29; 2Sm 23.2; 1Rs 22.24; Ez 11.5; Dn 4.8,9), e da sua pureza vista na força e penitência do justo (Ne 9.20; Sl 51.11; Is 63.10; Ez 36.26; Zc 12.10).

Em vista dessas passagens, é difícil supor que o “espírito maligno” enviado pelo Senhor como um julgamento sobre alguns homens iníquos (Jz 9.23; 1Sm 16.14; 18.10) seja o Espírito Santo realizando uma missão de julgamento penal. Mais provavelmente, a ideia é que mesmo um espírito mau, que inspira mentira e inveja, está sob o controle de Deus como criatura sua e executa seus propósitos. Lembra-se da declaração de Lutero, “O diabo é o diabo de Deus”.

*Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*

## O ESPÍRITO SANTO E A TRINDADE

O Espírito de Deus é santo no AT, mas não há doutrina do Espírito Santo como a “terceira pessoa da Trindade”. Porém essa maneira de expressão tem tido uma história ampla e variada na teologia cristã, e é necessário rever brevemente o significado da frase e procurar delinear a base bíblica para um entendimento da Trindade de Deus.

Dizer que o AT não contém nenhuma doutrina do Espírito como uma pessoa distinta, não implica que o Espírito no AT seja uma força vaga e impessoal. O Espírito é o Espírito de Deus, e porque o Deus de Israel é um Deus pessoal, seu Espírito é investido com qualidades pessoais e envolvido nos atos pessoais. Como a energia viva de um Deus pessoal, o Espírito envolve, governa, orienta, vivifica e move. “Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?” perguntou o salmista (Sl 139.7), sugerindo que onde o Espírito de Deus está, ali ele está presente pessoalmente. O Espírito Santo de Deus foi afligido pela rebelião de Israel (Is 63.10).

Em vista dessa linguagem personificada, a promessa de Jesus de que quando ele partisse deles (Jo 16.7), o Pai enviaria outro Consolador (*Paráclito*), o próprio Espírito Santo (Jo 14.16, 28), é uma promessa de acordo com o ensinamento do AT sobre o Espírito. Além disso, visto que ele tinha amizade com seus discípulos como uma pessoa, a implicação é que o Espírito, que deverá tomar seu lugar, também deve ser uma pessoa como ele mesmo. De outra maneira, a promessa do *Paráclito* ofereceria pouco conforto aos discípulos na contemplação da partida do seu Senhor. Não que eles teriam tido qualquer entendimento claro dessas questões antes do Pentecostes, mas tendo sido introduzido este grande evento revelador, eles foram preparados para o que eles tinham aprendido da Escritura judaica e do próprio Senhor, para considerar o Espírito não como a presença de Deus simplesmente, muito menos como alguma influência vaga, mas como uma manifestação pessoal de Deus. Por isso, Pedro poderia acusar Ananias de mentir ao Espírito Santo, que é Deus (At 5.3,4). Este lado da Encarnação e Pentecostes, Pedro poderia usar o termo Espírito Santo como diferente tanto do Senhor ressuscitado, que tinha sido erguido diante deles aos céus (1.9), quanto do Pai, a cuja destra Jesus tinha sido exaltado e de quem ele recebeu a promessa do Espírito (2.33). Esta mesma distinção hipostática ou pessoal do Espírito aparece no pronunciamento de Paulo de uma bênção tripla sobre os coríntios: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós” (2Co 13.14).

A afirmação mais clara da Trindade no NT é a incumbência do Senhor a seus discípulos para batizar “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Uma passagem concernente ao Espírito, que apareceu amplamente no debate da igreja, está em Jo 15.26: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.” Pelo que diz respeito à doutrina da Trindade, essa passagem tem classicamente tido a apelação de

estabelecer a doutrina da emanção do Espírito Santo. Como o Filho é “gerado do” Pai, assim a igreja universal confessa que o Espírito “provém do” Pai (Sob a influência de Agostinho, a igreja ocidental, tanto a Católica Romana como a Protestante, confessa que ele também provém do Filho, *filioque*, mas isso não é afirmado expressamente na Escritura).

Interpretando esse texto, deveria ser feita observação em duas frases. Era o *Paráclito* que o Filho enviaria, e é o Espírito que provém do Pai. A primeira frase parece definitivamente referir-se ao envio do Espírito no Pentecostes em seu papel, ou ofício, como Santificador. Visto que este envio do Espírito como o *Paráclito* ainda era futuro na ocasião da declaração de Jesus, ele usou o tempo futuro, referindo-se ao Espírito como alguém que “Eu enviarei”. Na linguagem teológica técnica, essa é uma frase “econômica”, isto é, descreve a função do Espírito na “economia” da redenção. A segunda frase, “que provém do Pai”, descreve, por contraste, a natureza essencial do próprio Espírito, isto é, uma frase “ontológica”. O Espírito Santo é aquele que provém do Pai eternamente. Nem todos os estudiosos estão de acordo nesse último ponto. Alguns entenderiam a proveniência do Pai e o envio futuro pelo Filho, como ambos referindo-se à vinda do Espírito no Pentecostes. Nesse caso, pode ser sustentado que a partir do fato claramente revelado de que o Espírito foi dado pelo Pai e pelo Filho à igreja no Pentecostes, é correto descrever sua relação misteriosa inter-trinitária ao Pai e ao Filho, de uma forma analógica. Portanto, a igreja fala da sua “eterna emanção” do Pai e do Filho, após a analogia da sua maneira de operar no mundo a partir do Pentecostes, da parte do Pai e do Filho.

*Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*

## O BATISMO DE JESUS

Nessa Betânia do outro lado do Jordão Jesus também foi batizado (ver Jo 1.28-34). Jesus partiu de Nazaré na Galileia quando todo o povo aglomerava-se para ouvir João (Lc 3.21,22; Mc 1.9-11). É compreensível que o profeta, inicialmente, se recusasse a batizar Jesus – porque sabia que era inferior a ele (Mt 3.13-17). Quando, por ordem de Jesus, o batismo foi realizado e Jesus assim mostrou-se solidário com o povo pecaminoso, o céu se abriu. O Espírito desceu na forma de uma pomba e uma voz chamou Jesus de o filho em que Deus se comprazia.

Para João, essa foi uma experiência grandiosa. Mais tarde ele conversou sobre isso com seus discípulos, acrescentando um outro elemento ao seu testemunho. Ele já tinha dito que a pessoa que viria depois dele existia antes dele mesmo: o próprio Deus! Mas quando Jesus mergulhou no Jordão e o Espírito desceu na forma de uma pomba, João recebeu um entendimento mais profundo. Ele agora chama Jesus o de “Cordeiro de Deus” – o filho de Deus era o cordeiro para o sacrifício que Deus providenciaria para a anistia geral para pecadores que se arrependessem e cressem (Jo.1.29-36).

Depois que o Espírito desceu, ficou imediatamente claro que seu caminho na terra seria marcado pelo sofrimento e pela tentação. Logo depois do batismo, o Espírito levou Jesus diretamente ao deserto para que fosse tentado por satanás como um ser humano impotente (Mt 4.1-11; Lc 4.1-13).

*Cristo na Terra, Jakob van Bruggen, Editora Cultura Cristã*

## DONS ESPIRITUAIS

*Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente (1Co 12.31).*

Os dons espirituais ou *charismata* são os meios e poderes divinamente ordenados pelos quais o Rei capacita sua Igreja a realizar sua tarefa na terra.

A Igreja tem uma missão no mundo. Ela esta sendo violentamente atacada não apenas pelos poderes desse mundo, mas muito mais pelos poderes invisíveis de Satanás. Nenhum descanso e permitido. Negando o que Cristo conquistou, Satanás acredita que o tempo que lhe resta ainda ha de trazer-lhe vitórias. Dai vem sua fúria e raiva insones, seus incessantes ataques sobre as ordenanças da Igreja, seus esforços constantes para dividi-la e corrompe-la e sua recusa constante em aceitar a autoridade e realeza de Jesus em sua Igreja. Embora nunca chegue a ter completo sucesso, ele o alcança ate certo ponto. A história da Igreja em todos os países mostra isso. Ela prova que uma condição satisfatória da Igreja e altamente excepcional e de curta duração e que, de oito dentre dez séculos, seu estado torna-se triste e deplorável, o que e causa para vergonha e tristeza da parte do povo de Deus.

Contudo, em toda essa batalha ela tem um chamado para cumprir, uma tarefa para realizar. Essa tarefa pode, algumas vezes, consistir em ser peneirada como o trigo, como no caso de Jo, para mostrar que, em virtude da oração de Cristo, a fé não pode ser destruída em seu seio. Mas, seja qual for à forma da tarefa, a Igreja sempre necessita de poder espiritual para realiza-la, o qual ela não encontra em si mesma, mas que o Rei deve suprir.

Todos os meios propiciados pelo Rei para a realização de sua obra são um carisma, um dom da graça. Dai procede a conexão interna entre *obra, ofício e dom*.

Por isso o apóstolo Paulo diz: “A manifestação do Espírito e concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1Co 12.7), isto e, para o bem geral (πρός το συμφέρον). E, novamente, ainda de modo mais claro: “Assim, também vos, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, *para a edificação da igreja*” (1Co 14.12). Dai a segunda petição, “venha o seu reino”, conforme interpretada pelo *Catecismo de Heidelberg*,<sup>1</sup> diz: “Governa-nos por tua Palavra e por teu Espírito de tal maneira que, cada vez mais, nos submetamos a ti; conserva e aumenta tua igreja; destrói as obras do diabo e todo poder que se levanta contra ti, e todos os maus planos que são inventados contra tua santa Palavra; ate que venha a plenitude de teu reino, que tu serás tudo em todos”.

É, portanto, errado considerar a vida dos crentes individuais de forma demasiado isolada da vida da Igreja. Eles não existem a não ser em conexão com o corpo, e, dessa maneira, se tornam participantes dos dons espirituais. Nesse sentido, o *Catecismo de Heidelberg*<sup>2</sup> confessa a comunhão dos santos: “Primeiro: entendo que todos os crentes, juntos e cada um por si, tem, como membros, comunhão com Cristo, o Senhor, e todos os seus ricos dons. Segundo, que todos devem sentir-se obrigados a usar seus dons com vontade e alegria para o bem dos outros membros”. A parábola dos talentos tem o mesmo objetivo, pois o servo que, com seu talento, falhou em beneficiar os outros, recebe um julgamento terrível. Mesmo os *dons* ocultos devem ser despertados, como o apóstolo Paulo diz; não para se gabar disso ou alimentar o orgulho, mas porque pertence ao Senhor e é dado a Igreja.

O que o apóstolo Joao escreveu, “vos possuís unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento” (1Jo 2.20), e “e não tendes necessidade de que alguém vos ensine” (1Jo 2.27), não quer dizer que todo crente individual possui unção total e em virtude disso conhece todas as coisas. Se fosse assim, quem não se desesperaria a respeito da salvação ou ousaria dizer: “Eu tenho a fé?”. Além do mais, como poderia a afirmativa “não tendes necessidade de que alguém vos ensine” (1Jo 2.27) ser conciliada com o testemunho do mesmo apóstolo de que o Espírito

Santo qualifica mestres nomeados pelo próprio Jesus? Não e o indivíduo isolado, mas sim toda a Igreja, como *um corpo*, que possui a unção completa do Santíssimo e conhece todas as coisas. A Igreja como um corpo não precisa de ninguém que venha de fora para ensina-la, pois possui todo o tesouro da sabedoria e do conhecimento, sendo unida com a Cabeça, que é o reflexo da glória de Deus, em quem habita toda a sabedoria.

Isso não se aplica apenas a Igreja de um período, mas de todos os tempos. A Igreja de hoje é a mesma dos dias dos apóstolos. A vida vivida naquele tempo é a mesma que a alma agora. Os lucros de dois séculos atrás pertencem ao seu tesouro, bem como aqueles recebidos hoje. O passado é seu capital. As revelações maravilhosas e gloriosas recebidas pela Igreja de todos os tempos são ainda válidas. Toda a força e visão espiritual, a graça interior, a consciência mais clara, recebidas durante o curso dos tempos, não foram perdidas, mas formam um tesouro acumulado, que está ainda sendo aumentado pelos acréscimos sempre renovados de dons espirituais.

A pessoa que compreende e reconhece esse fato se sente afortunada e, de fato, abençoada, pois essa visão apostólica da questão nos leva a sermos agradecidos pelos dons de nossos irmãos que, de outra maneira, poderíamos invejar, visto que esses dons não nos empobrecem, mas, ao contrário, nos enriquecem. Numa cidade pode haver 12 ministros da Palavra, todos dotados de várias maneiras. Segundo o homem natural, todos invejarão os dons de seu irmão e recearão que seus talentos superem os seus próprios. Mas não é assim entre os servos do Senhor. Eles sentem que, juntos, servem a um só Senhor e a um só rebanho, e bendizem a Deus por dar-lhes em conjunto o que a direção e alimentação requerem. No exército, o artilheiro não inveja o cavaleiro, pois ele sabe que o último o protege na hora do perigo.

Além do mais, esse ponto de vista apostólico exclui o *isolamento*, pois cria o anseio por comunhão com os irmãos distantes, mesmo que eles andem em caminhos mais ou menos divergentes. É impossível, baseado na Bíblia, limitar a Igreja de Cristo a pequena comunidade a qual pertence certa pessoa. Ela está em todas as partes do mundo e, independente de sua forma externa, frequentemente mudando, muitas vezes impura, seja onde for que os dons sejam recebidos, eles aumentam nossas riquezas.

Esse ponto de vista apostólico se opõe também a tola noção de que, por 18 séculos, a Igreja não recebeu nenhum dom e, por essa razão, tal como na Igreja primitiva, cada um de nós deve pegar sua Bíblia e formular a própria confissão. Esse ponto de vista torna a pessoa tão fortemente consciente da comunhão dos dons espirituais que não pode deixar de apreciar o tesouro da Igreja acumulado durante os séculos. De fato, a Igreja de Cristo recebeu enorme abundância de dons espirituais e atualmente nós temos a disposição não apenas os dons das igrejas da nossa própria cidade, mas todos aqueles comunicados às igrejas de todas as partes e do capital histórico acumulado durante 18 séculos.

Assim sendo, o tesouro de cada igreja em particular é tríplice: primeiro, os dons espirituais *em seu próprio círculo*; segundo, aqueles *dados a outras igrejas*; e, por último, aqueles recebidos desde os *dias dos apóstolos*.

De acordo com sua natureza, os dons espirituais podem ser divididos em três classes: o *oficial*, o *extraordinário* e o *comum*.

O apóstolo Paulo disse: “A um e dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só é o mesmo Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1Co 12.8-11). De maneira semelhante, o apóstolo fala da igreja de Roma: “...tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria” (Rm 12.6-8).

A partir dessas passagens, é evidente que, entre esses dons espirituais, o apóstolo Paulo atribui o primeiro lugar aos relacionados com o serviço comum da Igreja pelos seus ministros, presbíteros e diáconos, pois por “profecia” o apóstolo Paulo designa a pregação da Palavra, na qual o pregador se sente animado e inspirado pelo Espírito Santo. Por “ensino” ele se refere à catequese comum; “ministério”, a administração das questões seculares da Igreja; “contribuição”, ao cuidado pelos pobres e miseráveis. “O que preside” se refere aos oficiais encarregados pelo governo da Igreja. Esses são os ofícios comuns que abarcam o cuidado dos negócios espirituais e temporais da Igreja.

Depois segue uma série diferente de dons, a saber, línguas, cura, discernimento dos espíritos, etc. Esses dons não oficiais se dividem em duas classes — aqueles que *fortalecem* os dons da graça salvífica e aqueles que são *distintos* da graça da salvação.

Os primeiros são, por exemplo, a fé e o amor. Sem fé ninguém pode ser salvo. E, portanto, a herança dos filhos de Deus que, como tal, não é um “*charisma*”, mas um “*doron*”. Mas, conquanto todos tenham fé, Deus tem liberdade para deixar que esta se manifeste mais fortemente em uns do que em outros. Até certo ponto, as Escrituras dizem: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16.31); e ainda em outro: “Em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esse monte: Passa daqui para acolá, e ele passará” (Mt 17.20). A primeira opera internamente, e a outra, externamente. Por essa razão, o apóstolo Paulo não fala apenas de *ministérios* e *dons*, mas também de “operações”, que consistem num exercício mais vigoroso da graça que o crente como tal já possui. Onde a fé de muitos pode fenecer, o Senhor frequentemente garante operações extraordinárias para, dessa forma, refrescar e confortar os outros. O mesmo se aplica ao *amor*, que também é a porção de todos, mas não no mesmo grau de eficácia. Onde o amor de muitos pode congelar, o Senhor algumas vezes o vivifica em uns poucos a um ponto tal de provocar santo ciúme.

Além desses dons *comuns*, que são apenas manifestações mais energéticas, seja lá do que for que o crente possui em germe, o Senhor também deu a sua Igreja dons *extraordinários*, operando parcialmente sobre o domínio espiritual e parcialmente sobre o domínio físico. No último, estão os dons do autodomínio e da cura de enfermos. Dos primeiros, Cristo fala: “... ha outros que a si mesmos se fizeram eunuocos, por causa do reino dos céus” (Mt 19.12). O apóstolo Paulo diz que por amor do irmão mais fraco ele se absteria de comer carne (1Co 8.13); e novamente, “esmurro o meu corpo e o reduzo a escravidão” (1Co 9.27), etc. O dom de curar se refere à gloriosa capacitação de curar os enfermos: não apenas os que sofrem de doenças nervosas e padecimentos psicológicos, que são mais susceptíveis de influências espirituais, mas também aqueles cujas enfermidades se situam totalmente fora do reino espiritual.

De uma natureza inteiramente diferente são os dons extraordinários, puramente espirituais, dos quais o apóstolo Paulo menciona cinco: sabedoria, conhecimento, discernimento dos espíritos, línguas e sua interpretação (1Co 12.8-10). Esses podem ser divididos em duas classes, visto que os três primeiros são encontrados também, numa forma diferente, fora do Reino de Deus, e os dois últimos, que apresentam um fenômeno totalmente peculiar, *dentro* do Reino. Sabedoria, conhecimento e discernimento de espíritos existem mesmo entre os ímpios, e são mais admirados dentre os que rejeitam a Cristo. Mas esses dons naturais aparecem na igreja de um modo diferente. O dom da *sabedoria* dota uma pessoa sem maiores investigações, com grande tato e clareza, para entender as *condições* e oferecer conselhos criteriosos. O *conhecimento* é um dom pelo qual o Espírito Santo capacita a pessoa a adquirir uma visão extraordinariamente profunda *dentro dos mistérios do Reino*. O *discernimento dos espíritos* é um dom pelo qual alguém pode discernir entre espíritos genuínos vindos de Deus e aqueles que o fingem ser.

Os dons existentes agora na Igreja são aqueles que pertencem ao ministério da Palavra; os dons corriqueiros de maior exercício são os de fé e amor; os de sabedoria, conhecimento e discernimento de espíritos; os de autodomínio; e, por fim, o de cura dos enfermos sofrendo de doenças nervosas e psicológicas. Os outros se encontram inativos no presente.

*A obra do Espírito Santo*, Abraham Kuyper, Editora Cultura Cristã

## A NATUREZA DAS LÍNGUAS

Quanto à exata natureza das línguas faladas miraculosamente no Novo Testamento, devemos buscar indícios nos relatos do livro de Atos e na primeira carta de Paulo aos Coríntios. O final do Evangelho de Marcos (16.9-20) traz o falar “novas línguas” como um dos sinais que haveriam de acompanhar os que creem (v. 17). Alguns têm sugerido que as “novas línguas” ali mencionadas se referem a um novo tipo de línguas, diferente da linguagem humana. Entretanto, o adjetivo *καινός* (“novo”), empregado na expressão, não significa necessariamente “um novo tipo,” mas simplesmente algo que é novidade, ainda não costumeiro ou conhecido (comparar com At 17.21), em oposição a *παλαιός*, “velho”. O sentido natural seria o de falar línguas até o momento ainda não faladas pelos que criam, e portanto, uma novidade para eles. A palavra traduzida como “línguas,” aqui, e em todo o Novo Testamento, é a palavra normal em grego para linguagem humana, *γλώσσα*.

Parece evidente que as línguas descritas em Atos 2 eram idiomas humanos conhecidos pelos ouvintes presentes por ocasião do Pentecoste.<sup>1</sup> A declaração de Lucas em At 2.4 deixa pouca dúvida de que o milagre foi o de os apóstolos falarem em outras línguas que não as suas próprias, e não, como alguns têm sugerido, o de os presentes ouvirem em suas próprias línguas.<sup>2</sup> O fenômeno, pois, foi dicitivo, e não auditivo. Não há qualquer indício de que as línguas faladas nas demais ocasiões mencionadas em Atos fossem de natureza diferente. Pedro considerou o que ocorreu na casa de Cornélio como sendo idêntico ao fenômeno ocorrido em Pentecoste (At 11.15).

Quanto às línguas mencionadas por Paulo na sua primeira carta aos Coríntios, embora sua exata natureza seja de mais difícil interpretação, não há qualquer evidência exegetica, teológica, ou histórica, de que fossem diferentes do precedente estabelecido em Atos, ou seja, dos idiomas falados no Pentecoste. Alguns têm apontado para a expressão “outras línguas,” que ocorre várias vezes em 1Co 14, como indício de que se trata de línguas diferentes dos idiomas humanos. Porém, a palavra “outras” não ocorre no original grego, tratando-se de uma interpretação dos tradutores para o português.<sup>3</sup>

Alguns ainda apelam para 1Co 14.2 para apoiar a ideia de que Paulo está lidando em 1 Coríntios com um fenômeno distinto de At 2.4-11. O texto afirma que “quem fala em língua, não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistério.” Porém, à luz do contexto, transparece que Paulo está se referindo ao que fala em língua, e o mesmo não é entendido ou interpretado. Para os que o ouvem, o sentido é desconhecido. Portanto, é um mistério. Este seria o efeito se alguém falasse em um idioma humano completamente desconhecido dos seus ouvintes. Neste sentido, ele fala não aos

<sup>1</sup> At 2.6,8,11. Estes versículos se referem às línguas maternas dos que as ouviram naquela ocasião, das quais quatorze são citadas por Lucas. Portanto, fica claro que eram línguas estrangeiras, e não “estranhas.” A expressão “línguas maternas” em At 2.8, literalmente, *τῆ ἰδίᾳ διαλέκτῳ ἡμῶν ἐν ᾗ ἐγεννήθημεν*, “no nosso próprio dialeto em que fomos nascidos,” reforça este ponto.

<sup>2</sup> O uso de *ἕτεροις*, “outras,” por Lucas em At 2.4 (“começaram a falar *noutras* línguas”) não fornece apoio decisivo para a sugestão de que as línguas faladas em Pentecoste eram de um gênero *diferente*, e que, portanto, não eram idiomas humanos. O adjetivo *ἕτερος* “outro” frequentemente expressa a ideia de um outro item de uma mesma série, sem a conotação de que se trata de algo diferente em sua essência. Por exemplo, “do outro barco” (Lc 5.7), “outro dos discípulos” (Mt 8.21), “outra (passagem da) Escritura” (Jo 19.37).

<sup>3</sup> O adjetivo “estranha,” colocado pelos tradutores da versão Almeida Revista e Corrigida após *γλώσσα*, na passagem de 1Co 14, não aparece no texto grego, e certamente tem contribuído para difundir a ideia errônea de que o fenômeno tinha a ver com línguas misteriosas, intraduzíveis e estáticas.

homens, mas a Deus.<sup>4</sup> A palavra grega traduzida em 1Co 14.2 como “língua” é γλῶσσα, que é a palavra usada comumente para “linguagem” ou “idioma”, que ocorre também em Atos. Além disto, devemos ainda notar que “falar mistérios” pode também significar “falar um mistério divino ainda não revelado,” ver 1Co 2.7. A expressão “gemidos inexprimíveis” em Rm 8.26, semelhantemente, não pode ser tomada como referência ao dom de línguas, mas sim como referência à intercessão do Espírito pelo crente.

Caso as línguas faladas em Corinto, ou em qualquer outra igreja neotestamentária, fossem diferentes das faladas em Atos, esperar-se-ia que o apóstolo Paulo, ou outro escritor do Novo Testamento, estabelecesse a diferença em seus escritos. O silêncio de Paulo sobre a natureza das línguas, em sua primeira carta aos Coríntios, revela que o apóstolo está assumindo que seus leitores, vivendo alguns anos após o Pentecoste, estavam a par do que ocorrera naquela ocasião. À luz do precedente estabelecido em Atos, torna-se mais natural supor que as línguas de Corinto eram, como em Atos, idiomas humanos. Devemos observar que há várias evidências a este favor na própria carta aos Coríntios. Paulo claramente se refere ao dom como sendo falar “línguas de homens” (1Co 13.1). A expressão “e de anjos” foi possivelmente adicionada por Paulo como exagero intencional, como também as expressões seguintes “conhecer toda a ciência” e “ter fê capaz de remover montes.”<sup>5</sup> Em 1 Co 14.20-21 Paulo claramente se refere a idiomas humanos. O dom de “interpretar” (1Co 12.10, ἐρμηνεῖα γλωσσῶν) pode também ser entendido como tradução de um idioma conhecido para outro (ver At 9.36; Jo 1.42). Os argumentos acima, se tomados juntamente com o precedente em Atos, constituem-se em indício importante de que as línguas mencionadas em Corinto e no resto do Novo Testamento são um único e mesmo fenômeno. Em nenhum lugar a Escritura fala de dois dons de línguas distintos, e nem existem indícios inegáveis nas mesmas que nos obriguem a crer na existência de dois fenômenos distintos.<sup>6</sup>

## A NATUREZA DA PROFECIA

Os profetas do Velho Testamento foram pessoas vocacionadas por Deus, que falaram da parte de Deus e comunicaram corajosamente Sua mensagem ao Seu povo, a nação de Israel.<sup>7</sup> Parte das profecias veio a ser escrita e registrada no Antigo Testamento.<sup>8</sup> A profecia consistia não somente da predição de eventos futuros relacionados com a ação de Deus na história, os quais se cumpriram literal e infalivelmente,<sup>9</sup> mas especialmente da exposição desses eventos e sua aplicação aos dias em que os profetas viveram.<sup>10</sup> As expressões, “assim diz o Senhor” e “veio a mim a Palavra do Senhor dizendo,” caracterizavam a palavra inspirada e infalível dos profetas, que deveria ser recebida pelo

<sup>4</sup>A expressão “não fala aos homens, mas a Deus” ainda pode ser entendida à luz de At 2.11 e 10.46. É aparente destas passagens que os apóstolos no Pentecoste e os Gentios na casa de Cornélio dirigiram-se a Deus ao falar em línguas (idiomas), e não aos homens ali presentes.

<sup>5</sup>Nesta passagem Paulo utiliza o argumento conhecido como *reductio ad absurdum*, que consiste em argumentar hipoteticamente um determinado ponto. Ele não afirma que exista alguém que tenha todo o conhecimento, que tenha fé que remova montes ou que fale línguas de anjos. O que ele afirma é que, mesmo que estas coisas ocorressem, ainda assim, sem amor, elas nada seriam.

<sup>6</sup>Alguns têm defendido a diferença entre as línguas de Atos e de Corinto com base nas diferenças na manifestação do fenômeno nas duas ocasiões: em Atos as línguas foram faladas por todos, não precisaram de intérprete para serem entendidas e vieram de forma inopinada sobre os presentes. Em Corinto, as línguas não eram faladas por todos, careciam de intérprete para sua compreensão e estavam sob o controle dos que falavam. Porém, essas diferenças são mais bem entendidas como circunstanciais, e não como essenciais. Em ambos os casos, a essência do milagre consistia em pessoas falando fluentemente em línguas que lhes eram previamente desconhecidas.

<sup>7</sup>Hb 1.1; Lc 1.70.

<sup>8</sup>2Pe 1.21; 2Tm 3.16; cf. o termo “Escrituras proféticas” em Rm 16.26.

<sup>9</sup>O teste da verdadeira profecia era o seu cumprimento, ver Dt 18.20-22; cf. 1Rs 13.3,5; 2Rs 23.15-16.

<sup>10</sup>Há várias palavras para “profeta” no Velho Testamento. A mais usada é נָבִיא (*nabi*). Ela expressa a ideia de alguém que fala por outro, como “sua boca,” ver Êx 4.16; 7.1. Este sentido básico da palavra pode ser visto em Dt 18.14-22. O profeta era, então, primariamente, alguém que falava da parte de Deus, inspirado e orientado por Ele.

povo de Deus como Sua palavra. O ministério desses profetas encerrou-se séculos antes da vinda de Cristo ao mundo.<sup>11</sup>

Os sucessores dos antigos profetas foram os apóstolos do Novo Testamento, os quais também receberam um chamado específico,<sup>12</sup> predisseram futuros eventos, entre os quais a segunda vinda do Senhor e o juízo final,<sup>13</sup> foram inspirados para escrever o Novo Testamento,<sup>14</sup> e a palavra deles deveria ser recebida, à semelhança dos profetas antigos, como Palavra de Deus, cheia de autoridade e definitiva.<sup>15</sup>

Pouco sabemos acerca dos profetas do Novo Testamento. À semelhança dos profetas do Antigo Testamento, eles eram capazes de prever futuros eventos, os quais se cumpriram exatamente como preditos,<sup>16</sup> e também exortavam e confortavam as igrejas.<sup>17</sup> Alguns profetas participaram, com os apóstolos, da recepção da revelação fundamental de Cristo e da inclusão dos gentios na igreja e, portanto, como receptores desta revelação fundamental, estão na base histórica e teológica da igreja.<sup>18</sup>

Quanto ao ministério dos profetas nas igrejas locais, pouco sabemos. Historicamente, tem-se entendido a profecia neotestamentária como sendo a própria proclamação da Palavra. Esta posição se harmoniza com passagens do Novo Testamento onde a profecia é descrita como trazendo instrução, edificação e conforto à Igreja (cf. 1Co 14.3). A condição para que um profeta falasse era que recebesse “revelação” da parte de Deus (1Co 14.30). Muitos estudiosos acreditam que Paulo aqui não está usando a palavra “revelação” (ἀποκάλυψις) no mesmo sentido da revelação histórica e única dada aos apóstolos (cf. Rm 16.25-26; Cl 1.26; Gl 1.15-16), mas sim num sentido secundário, como iluminação ou mesmo direção em circunstâncias especiais relacionadas com o ministério apostólico (ver Gl 2.2; At 16.9; 18.9). O mais provável, tendo em vista 1Co 14.3 e At 15.32, é que a revelação recebida pelos profetas nas igrejas locais consistia em uma mensagem baseada nas Escrituras, que visava a edificar, a confortar e a instruir a Igreja, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, cuja atividade principal consistia em aplicar a Lei de Deus às consciências do povo, exortando, instruindo, sondando os corações e consolando.<sup>19</sup> Fosse qual fosse a natureza da profecia, deveria ser examinada e julgada pela comunidade ou demais profetas (observe o imperativo “julguem” em 1Co 14.29, διακρινέτωσαν), para ver se estava em harmonia com a doutrina apostólica (notar como Paulo exige dos profetas reconhecimento de que seu ensinamento é Palavra de Deus, 1Co 14.37). Está claro que as palavras dos profetas não deviam ser desprezadas,<sup>20</sup> porém, não eram para ser aceitas sem avaliação e exame, ao contrário das palavras dos profetas do Antigo Testamento.

*Cartas pastorais, Supremo Concílio da IPB, 1995*

<sup>11</sup>Os escritores do Novo Testamento se referem aos profetas antigos como um grupo fechado e definido, ver Mt 23.29-31; Mc 8.28; etc.

<sup>12</sup>Mt 10.1-4; Gl 1.15-16.

<sup>13</sup>1Co 15.51-52; 2Ts 2.1-12. O livro de Apocalipse é uma profecia (ver Ap 1.3; 22.18-19) escrita por um apóstolo.

<sup>14</sup>1Ts 2.13; 2Pe 3.16.

<sup>15</sup>Gl 1.8-9; 1Co 14.37.

<sup>16</sup>Ver At 11.27-28; 21.11. Notar que estes são os dois únicos casos registrados no Novo Testamento de profecia predictiva relacionada com eventos contemporâneos e a vida particular de alguém. Notar ainda que, em ambos os casos, estas profecias envolviam a vida do apóstolo Paulo e suas viagens missionárias. As palavras de Ágabo cumpriram-se literalmente, à semelhança das palavras dos antigos profetas.

<sup>17</sup>Ver At 15.32; 1Co 14.3.

<sup>18</sup>Ef 3.5.

<sup>19</sup>Ver 1 Co 14.3,31; 14.24-25. Sobre o efeito penetrante da Palavra, e seu poder para sondar os corações, ver Hb 4.12-13.

<sup>20</sup>1Ts 5.20.

## O Espírito Santo e os dons espirituais

A palavra *carisma* é principalmente um termo paulino usado tecnicamente para os dons do Espírito concedido aos cristãos para a edificação da igreja. Nenhuma dessas várias listas nas epístolas de Paulo é exaustiva, mas examinando e combinando os textos, é possível formar uma lista impressionante de dons espirituais. Alguns desses dons são conectados à proclamação da Palavra e à preservação e à fixação da verdade (profecia, Rm 12.6; 1Co 12.10; discernimento dos espíritos, 1Co 12.10; 1Jo 4.1; ensinamento, Rm 12.7; 1Co 12.28; línguas e sua interpretação, 1Co 12.10,28,30; milagres, 12.10,28,29; a palavra de sabedoria e a palavra do conhecimento, 12.8); outras passagens têm a ver com a execução do serviço, alguns deles muito mundano em caráter, à irmandade cristã (curas, 1Co 12.9, 28,30; governo, 12.28; socorros, 12.28). A expansão desses dons esclarece que conforme o NT, o Espírito anima a igreja toda como um corpo, de modo que nada é feito exceto pelo seu poder de capacitar. Evidentemente os apóstolos desempenharam todos esses dons, mas Paulo escreveu aos Coríntios (12.4s) como se, em sua maior parte, os dons fossem distribuídos entre os membros da igreja individualmente segundo a vontade soberana do Espírito (12.11), atendendo ao desenvolvimento da igreja. Esses dons devem ser recebidos com ação de graças e exercidos com a devida consideração, mas eles não são permanentes nem universais, como é a fé, a esperança e o amor (13.13). Esses frutos normais do Espírito — “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”, constitui a plenitude da vida cristã (Gl 5.22,23 ARC).

De acordo com a soberania do Espírito, que Jesus comparou com o vento que “assopra onde quer” (Jo 3.8), ali parece não haver *modus operandi* uniforme pelo qual esses dons são apresentados. No derramamento inicial do Espírito no Dia de Pentecostes, quando os discípulos estavam reunidos em uma atitude de expectativa, de repente o Espírito veio com o som de uma rajada de um vento poderoso e apareceu na forma de línguas como de fogo, pousando sobre cada um deles (At 2.1-4). Em outros lugares, quando Pedro estava pregando a Palavra, o Espírito caiu sobre a casa de Cornélio (10.44). Em outras ocasiões, o Espírito em suas manifestações carismáticas não veio pelo ouvir da Palavra, mas pela imposição de mãos. É muito interessante observar que em Samaria, Filipe era dotado com algum carisma quando ele pregava — demônios eram exorcizados, doentes curados (At 8.7,8) — no entanto, aqueles que acreditavam e eram batizados não tiveram o Espírito sobre eles até que Pedro e João impuseram as mãos sobre eles (8.17). O Espírito foi semelhantemente mediado pela imposição de mãos de Paulo sobre os doze discípulos de João Batista, em Éfeso (19.1-7). A imposição de mãos tornou-se o costume recebido na igreja cristã por transmitir simbolicamente o Espírito na confirmação e ordenação, e naquelas comunhões onde a dotação carismática é buscada e manifestada. Esse recebimento dos dons do Espírito é acompanhado geralmente pela imposição de mãos. As mãos têm sido sempre usadas expressivamente pelo homem, e sua imposição tem sido, desde os tempos antigos, um meio de transmitir uma graça ou bênção (Gn 48.13-16; Mc 10.16). Então é apropriado que receber essa bênção suprema da presença e poder do Espírito seja simbolizada pela imposição de mãos.

Quanto à série de dons espirituais, eles todos expressam a forma da manifestação mais extraordinária de poder para questões simples e desprezíveis. Atos 19.12 registra curas através de um toque de lenços e aventais usados pelo apóstolo Paulo. Paulo listou “ajudantes” e “administradores” entre aqueles dotados pelo Espírito (1Co 12.28). Porém, não parece que qualquer dotação pública ou milagrosa esteja necessariamente envolvida. Pelo contrário, aqueles em comunhão com os crentes que eram dotados de sabedoria nos afazeres práticos e cuja força espiritual os tornava um exemplo digno aos fracos, eram considerados como tendo recebido tais dons do Espírito como um presente, para ser empregados na edificação da igreja.

Conforme o tempo passava, o aspecto inspirativo do ministro começava a retroceder em favor do institucional na forma de ofícios de presbíteros e diáconos, e muitas das manifestações sobrenaturais do Espírito desapareceram completamente. Não pode haver dúvida de que essa tendência empobreceu a igreja, e a luta para proteger a igreja de tornar-se uma estrutura meramente institucional dentro da sociedade humana, com a perda daquela inspiração vital que somente o Espírito pode dar, permaneceu um fator constante durante todos os séculos da história cristã.

O surgimento e o crescimento rápido do Pentecostalismo na atualidade é um testemunho notável à necessidade da igreja institucional pela renovação espiritual. Sem a presença e poder do Espírito Santo, a igreja é simplesmente um fenômeno sociológico.

*Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*

## A IGREJA COMO OS REUNIDORES

Deus realiza sua missão salvadora enviando seu Filho ao mundo. Jesus é o grande Missionário, enviado pelo Pai. Como Senhor, Jesus veio reunir seu povo e formar seus discípulos como uma companhia de reunidores. Deus prometeu libertar seu rebanho dos falsos pastores. Ele prometeu que ele mesmo apascentaria seu rebanho e o reuniria de todos os lugares para onde havia sido espalhado (Ez 34.12). Deus prometeu também que seu servo Davi seria príncipe entre seu rebanho no dia de sua libertação (Êx 34.24). Jesus anunciou que ele era o verdadeiro pastor, que veio reunir aqueles que o Pai lhe havia dado, inclusive as “outras” ovelhas, que não pertencem a Israel (Jo 10.11-30). Suas ovelhas ouvem a sua voz e o reconhecem, o Filho de Davi que é também o Senhor de Davi. Ele é o Pastor que seria ferido (Mt 16.31; Zc 13.7), o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10.11).

Jesus olhou com compaixão para as multidões da Galileia, vendo-as como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36). Variando a figura, ele esperava reunir o povo de Jerusalém como a galinha reúne os pintinhos debaixo das suas asas (Mt 23.37). Em suas parábolas ele também falou de sua missão de reunir seu povo. Ele descreveu o banquete no céu, e aqueles que tinham sido convidados (Mt 22.1-14). Como Servo de Deus, Jesus chama os convidados para a ceia, dizendo: “Vinde, porque tudo já está preparado” (Lc 14.17). Quando o tempo da crucificação se aproximava, Jesus declarou que atrairia todos a si mesmo quando fosse levantado da terra (Jo 12.32).

Jesus veio reunir e chamar reunidores, discípulos que se reúnem com ele, buscando o pobre e o desesperado nas ruas das cidades e nas estradas do caminho. Jesus disse: “Aquele que não é por mim é contra mim, e aquele que não ajunta, espalha” (Mt 12.30; Lc 11.23). A missão não é uma atividade opcional dos discípulos de Cristo. Se nós não formos ajuntadores, seremos espalhadores. Alguns supõem que a igreja pode caracterizar o culto e nutrição, deixando a reunião de lado, como algo secundário. Mais frequentemente, os cristãos se encolhem ao afirmar essa posição, mas a implementam na prática. A missão é reduzida a umas poucas ofertas, à visita de alguns poucos missionários exaustos e aos labores de desconhecidas agências missionárias. Essa igreja está profundamente envolvida em espalhar, pois a congregação que ignora a missão se atrofiará e logo se encontrará espalhada por causa de dissensões internas. Ela inevitavelmente começará a perder seus próprios membros jovens, desiludidos por ouvirem a trombeta do evangelho soando todos os domingos para um povo que nunca marcha.

O que é verdade sobre uma congregação também é verdade sobre um lar cristão. Se uma família falha em tentar reunir vizinhos e amigos a Cristo em hospitalidade e testemunho, os filhos dessa família serão espalhados. Nós falhamos em conceder aos nossos filhos a nutrição do Senhor quando falhamos em envolvê-los em nossos esforços para unir outros ao Salvador.

Jesus chama seus discípulos para serem ceifeiros de uma seara, e para jogarem as redes como pescadores (Mt 9.37,38; Lc 5.1-11). Essas são imagens animadoras. Os discípulos trabalham em campos nos quais a colheita está madura: outros plantaram – e, além disso, o próprio Cristo é o Semeador – e fazem a colheita. Cristo é o Senhor da seara. A oração é a chave para a missão da igreja, pois Cristo responde a oração enviando mais trabalhadores para a seara. Ele também é o Senhor do mar, por isso as redes dos discípulos reúnem os peixes que ele convocou. Jesus não chamou seus pescadores quando eles estavam limpando e costurando as redes depois de horas de pescaria infrutífera. Somente quando sua ordem enchia suas redes a ponto de quase arrebentarem, ele os fez pescadores de homens.

A comissão de Cristo para que os discípulos fizessem discípulos é o clímax do Evangelho de Mateus. Mas a Grande Comissão, no final desse evangelho (Mt 28.18-20), não deve ser isolada da Grande Constituição, no centro do evangelho (Mt 16.17-19). As palavras com as quais Jesus respondeu à confissão de Pedro mostram o que significa fazer discípulos.

Igrejas missionárias podem cumprir a Grande Comissão e dar pouca atenção à Grande Constituição. A Igreja Católica Romana, por outro lado, tem dado grande ênfase às palavras de Deus a Pedro. Essas palavras, e não a Grande Comissão, estão inscritas em torno do pórtico, sob o domo de São Pedro.

Ambas as passagens são partes do mesmo evangelho. Elas devem ser entendidas em conjunto. A Grande Comissão de Mateus 28 requer a ordem que Cristo deu à sua igreja na Constituição de Mateus 16. Por outro lado, a Constituição da igreja tem um propósito missionário.

A missão expressa o propósito para o qual Cristo veio ao mundo e o propósito para o qual ele nos envia ao mundo. Seu propósito é o propósito do Pai. Nós somos chamados à missão não somente como discípulos de Cristo, mas como filhos do Pai. Jesus nos ensina que a lei do reino do Pai é o amor, que é compassivo. A justiça do reino deve exceder a justiça dos fariseus (Mt 5.20). Nós não devemos ser mais escrupulosos e detalhistas em obediência legalista, mas devemos expressar o coração da lei em amor ardente ao Pai, imitando seu amor gracioso pelos culpados e pelos inimigos sem merecimento (Mt 5.44-48). Esse amor não pede um mínimo que possa ser amado, mas se alegra em fazer o bem imerecido. A compaixão do samaritano não pergunta “qual é o meu próximo?”, mas mostra o amor livre de um próximo, refletindo o amor compassivo de Deus (Lc 10.24-37). Nós devemos ser misericordiosos como nosso Pai celestial é misericordioso.

O coração do evangelho move a igreja à missão e aos atos de misericórdia, que sempre fizeram parte da missão cristã. O cristão que experimentou o amor compassivo de Deus em Cristo deve fazer a mesma pergunta feita por Jesus: “De quem eu sou o próximo, eu, a quem o Senhor da glória tornou próximo na cruz – quem é que agora precisa de minha compaixão, do amor que reflete o amor do calvário?”.

O caminho do reino é o caminho da busca do amor. Jesus deixa esse fato bem claro na parábola do filho pródigo. O filho mais velho se recusou a entrar na festa do “bem-vindo de volta”, oferecida ao filho pródigo. Nele, Jesus personifica a atitude dos fariseus. Eles, assim como o filho mais velho e sem coração, são orgulhosos de suas obras de justiça própria. Como ele, os fariseus não têm entendimento da alegria do pai em encontrar o que se havia perdido. Eles não comeriam com coletores de impostos e pecadores, e acusaram Jesus por fazer isso. É por isso que Jesus conta essas três parábolas (Lc 15). Mas Jesus conhece a alegria que há no céu sobre um pecador que se arrepende. Nas parábolas da ovelha perdida e da moeda perdida, ele apresenta sua própria busca de amor. Na parábola do filho pródigo, porém, dá um passo adiante e substitui a si mesmo por um fariseu. A plena força da parábola é percebida quando revertemos essa substituição. O que o filho mais velho deveria ter feito? Jesus, o verdadeiro Irmão mais velho, não somente se assenta com o filho pródigo na festa celestial, mas vai buscá-lo pelos caminhos de países distantes para encontrá-lo em seus chiqueiros. O próprio evangelho é a história do Salvador que conhece o amor do Pai e que buscasseu povo. Se a missão for perdida, o evangelho é perdido.

Como Jesus nos envia em seu nome e em nome do Pai, nós não devemos nos surpreender que o Espírito enviado por Cristo mova e dirija a missão da igreja. Pedro declarou que os apóstolos eram testemunhas do Cristo ressurreto, “e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem” (At 5.32). Lucas descreve toda a expansão missionária da igreja nos tempos apostólicos como a obra do Espírito Santo. É o Espírito que lança a primeira jornada missionária de Paulo e Barnabé, quando os líderes da igreja de Antioquia oram (At 13.2). O Espírito não apenas dirige o apóstolo Paulo adiante, mas até mesmo o impede de ir a certas regiões, de acordo com o plano divino (At 16.6,7). O Espírito capacita missionários para a pregação, capacita os apóstolos e evangelistas como missionários, e encoraja os santos a confessarem o seu nome.

*A Igreja – Série Teologia Cristã, Edmund Clowney, Editora Cultura Cristã*

## O PECADO CONTRA O ESPÍRITO SANTO

... a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. (Mt 12.31)

Embora o Amor de Deus, falhando em seu propósito, sempre cause o endurecimento do coração, algumas vezes ele causa um efeito mais terrível ainda, pois ele pode levar ao pecado contra o Espírito Santo.

Os resultados desse pecado são especialmente esmagadores e terríveis. As palavras de Cristo com relação a ele são surpreendentes e penetrantes, lançando a alma culpada em desespero eterno:

Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir (Mt 12.30-32).

O evangelista Marcos se expressa ainda de modo mais incisivo:

Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno (Mc 3.28, 29).

O apóstolo João escreve a esse respeito o seguinte:

Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue. Toda injustiça é pecado, e há pecado não para morte. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca (1Jo 5.16-18).

E o apóstolo Paulo escreve:

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia. Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus; mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada (Hb 6.4-8).

Essas palavras causariam perplexidade à alma, se ele não tivesse acrescentado:

Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira. Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos (Hb 6.9, 10).

Estas são palavras de consolo, que, entretanto, não depreciam a severidade com que o apóstolo fala no décimo capítulo:

Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10.26-31).

Nós iniciamos este debate enfatizando que nenhum filho de Deus poderia jamais cometer este pecado. É necessário dizer isso para evitar que muitas almas se perturbem. Existe um indizível infortúnio nestas palavras de Jesus: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada” (Mt 12.31). Para esse pecado não existe intercessão no céu nem na terra. Uma oração assim é, inclusive, denunciada e proibida como profana. De fato, nós imaginamos como as almas aflitas, agitadas, tumultuadas e desconsoladas, especialmente quando sofrendo de cabeça fraca e nervos abalados, podem se tornar tão mórbidas a ponto de perguntar: “Será que eu cometi esse pecado? E, se cometi, de que adiantam as orações e as lágrimas? Pois, se cometi, eu estou perdido, irremediavelmente, para sempre”.

Uma agonia espiritual tão cruel não pode acontecer. Ela resulta de um ensino religioso defeituoso, e, ainda mais, da pregação que, culpavelmente ignorante dos profundos caminhos da alma, tagarela sobre muitas coisas, mas dificilmente, em alguma ocasião, trata das coisas solenes que pertencem à eternidade. Deve-se reiterar a essas almas aflitas, clara e distintamente, que é impossível a qualquer filho de Deus cometer esse pecado. Esse pecado não pertence ao coração quebrantado e contrito, mas corrói somente o espírito orgulhoso que se opõe ao Senhor e às suas santas ordenanças.

É verdade que o apóstolo declara que os homens culpados deste pecado “... *uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro* (Hb 6.4-5)”, mas nunca é dito que eles tiveram *um coração quebrantado e contrito*. Ao contrário, eles se interessam por coisas elevadas, confiam em suas experiências exaltadas, gabam-se de certa predileção que o Senhor lhes teria demonstrado, mas não dão evidências de alguma vez terem batido no peito ou se prostrado como mortos diante da divina Majestade ou de alguma vez terem descoberto que Deus é um fogo consumidor.

É um fato singular que todas as pessoas que nos fazem pensar nas palavras das Escrituras, “aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”, nunca parecem ter

medo da perdição eterna, enquanto aqueles que não apresentam a mínima possibilidade de pecar contra o Espírito Santo, frequentemente, temem e tremem preocupados que isso venha a ocorrer. Médicos de sanatórios estão acostumados com isso.

Existe apenas um remédio para essas almas aflitas, a saber, nutri-las com as Escrituras antes que sejam afligidas. É claro que a pessoa que se preocupa e murmura contra seu pecado fora da Palavra não pode deixar de ser assombrada pelo pensamento semelhante ao de Caim, isto é, o pensamento de que seu pecado é grande demais para ser perdoado, e, por fim, perde sua sanidade mental. Mas aquele que vive perto da Palavra está seguro e não pode ser afligido assim.

As Escrituras dão uma exposição clara e transparente do pecado contra o Espírito Santo. Os escribas que tinham descido de Jerusalém para ver as coisas gloriosas estavam ouvindo palavras celestiais, pois Jesus estava no meio deles. E, enquanto com os olhos e ouvidos eles estavam provando esses dons celestiais, se atreveram dizer: “Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expele os demônios” (Mc 3.22). E, a essa afirmação blasfema, Jesus respondeu imediatamente que essas pessoas tinham cometido o pecado contra o Espírito Santo “Isto, *porque diziam: Esta possesso de um espirito imundo*” (Mc 3.30). Dessa forma, entre as pessoas bem-intencionadas não pode haver diferença de opinião sobre esse assunto. O pecado contra o Espírito Santo pode ser cometido apenas por pessoas que, contemplando a beleza e majestade do Senhor, transformam a luz em trevas e atribuem a mais elevada glória do amor do Filho de Deus a Satanás e seus demônios. Visto que essas almas aflitas, já mencionadas, estão conscientes de sua incapacidade de perceber as coisas santas e estão familiarizadas com as sugestões pecaminosas de seu coração, contudo, apesar dessas sugestões, ardentemente desejam ser persuadidas pelo amor de seu Salvador, portanto é impossível que eles possam, alguma vez, tornarem-se as vítimas *culpadas* de desespero.

Não se pode negar, contudo, que, no coração dos crentes, algumas vezes, pensamentos terríveis se levantam contra o Santo. O poço de iniquidade sob o nosso coração, com seus gases venenosos, continua até a morte. Às vezes, enquanto estamos imersos na leitura da Palavra, em oração, ou em santa meditação, sugestões que nos pegam de surpresa lampejam pela nossa mente como ferrões de uma vespa venenosa, da qual nós gostaríamos de arrancar a cabeça e o coração, sob os quais nós nos retraímos com o clamor, como se atingidos por um raio: Oh, Deus de misericórdia! Mas essas sugestões nada têm a ver com o pecado contra o Espírito Santo, pois nós não nos identificamos com elas, não lhes damos guarida, mas as lançamos fora como uma víbora. Elas vêm *por meio* de nós, mas não são *nossas*. Ou melhor, elas derivam de nossa natureza pecaminosa, mas são divorciadas da nossa vontade — na verdade, são repugnantes à nossa vontade.

Devemos ser cautelosos porque, afastando-nos das Escrituras, nós alienamos nossa alma do amor de Deus. Satanás ficaria muito satisfeito com isso. Ele ama usar esse pecado contra o Espírito Santo para atormentar as almas fracas, e a angústia delas deleita seu coração. Portanto, não se deve permitir que estas se preocupem com essa palavra assustadora das Escrituras. É verdade que o Evangelho é terrível em severidade, mas ele é, ao mesmo tempo, o Evangelho de *toda consolação*, e nenhum homem deve privá-lo desse caráter.

Em íntima fidelidade para com a Palavra, nós acrescentamos que os viajantes comuns que se desviam de Deus não cometem pecado contra o Espírito Santo, pois eles não viram os poderes e glórias das eras por vir (Hb 6). Para cometer esse pecado, duas coisas, que sempre andam juntas, são necessárias:

Primeira, contato íntimo com a glória que é manifesta em Cristo ou em seu povo.

Segunda, não apenas mero desprezo por essa glória, mas a declaração de que o Espírito que se manifesta nessa glória, que é o Espírito Santo, é uma manifestação de Satanás.

Uma pessoa pode pecar contra o Filho e não se perder para sempre. Existe esperança de perdão, no dia do julgamento, para os homens que o crucificaram. Mas a pessoa que profana, despreza e difama o Espírito Santo, que fala em Cristo, na sua Palavra e na sua obra, como se ele fosse o espírito de Satanás, está perdida em trevas eternas. Este é um pecado voluntário, intencionalmente malicioso. Ele revela uma oposição *sistemática* a Deus. Esse pecador não pode ser salvo, pois ele desrespeitou o Espírito de toda a graça. Ele perdeu o último resquício do pecador, que é o gosto pela graça, e, com isso, a *possibilidade* de receber a graça.

Assim sendo, essa palavra de Jesus é divinamente planejada para colocar em alerta: a alma dos *santos*, a fim de que não tratem a Palavra de Deus com frieza, descuido, indiferença; a alma dos *falsos* pastores e *enganadores* do povo que, ministrando nos ministérios santos da cruz, desdenhosamente falam da “teologia do sangue”, blasfemando contra a mais suprema manifestação do amor divino, como se ela fosse uma abominação iníqua; a alma de *todos* os que se perderam pelo caminho, que, uma vez, conheceram a verdade e agora a rejeitam e que, em sua própria avaliação, depreciam seus irmãos ainda crentes, considerando-os ignorantes e fanáticos. O julgamento deles será pesado, sem dúvida. Nínive não resistiu ao profeta e foi exaltada acima de Cafarnaum e Betsaida!

Portanto, de tudo o que foi visto, o amor cristão deduz uma exortação dupla:

Primeira, a crentes professos, para que, por ignorância e presunção, não tentem outros a cair nesse pecado.

Segunda, aos irmãos em erro, para que não digam que o *ceticismo* é o caminho que leva à verdade, pois é justamente esse ceticismo que é o portão fatal pelo qual o pecador entra nesse horrendo pecado contra o Espírito Santo.

*A obra do Espirito Santo*, Abraham Kuyper, Editora Cultura Cristã

**REVISTA PALAVRA VIVA – O ESPÍRITO SANTO**  
***Apoio didático – Lição 11***

**ATENÇÃO**

O vídeo indicado na lição 11 foi retirado do YouTube.

Já a sugestão de leitura do texto que trata dos cânticos como manifestação da plenitude do Espírito, de Hermisten M. P. da Costa, disponível em nosso *site*. Acesse [www.editoraculturacrista.com.br](http://www.editoraculturacrista.com.br). Procure o livro *Princípios Bíblicos de Adoração Cristã*, e clique sobre a capa do livro. Na seção *Extras* clique em *Leia um trecho do livro*.

### A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO ESPÍRITO

Neste capítulo examinaremos um importante princípio das Escrituras sobre o casamento e a família. Esse princípio é desenvolvido pelo apóstolo Paulo em Efésios e necessita de um estudo especial: o relacionamento familiar deve ocorrer no contexto de vidas cheias do Espírito Santo.

Na passagem de Efésios 5.22–6.9, Paulo instrui maridos, mulheres, pais e filhos sobre os deveres mútuos, passando-lhes instruções que devem controlar esses relacionamentos. Paulo tem em mente a ideia de que esses princípios devem se concretizar em meio a um ambiente *profundamente espiritual*. Essa é a dinâmica de famílias cristãs sólidas e felizes. Existem diversas evidências que nos levam a dizer isso.

A primeira é: essa passagem, na qual Paulo fala dos deveres dos pais e dos filhos, é precedida e controlada pelo imperativo do versículo 18 de Efésios 5: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas *enchei-vos do Espírito*”. Após essa ordem, vêm as exortações e orientações práticas acerca do casamento e da família.

A relação entre essas duas partes tem escapado aos leitores brasileiros da Bíblia, pois a maioria das versões em português traz, após o versículo 21, o título em negrito “O lar cristão” ou coisa semelhante. Muito embora o objetivo do título seja ajudar o leitor a ter uma ideia do assunto que se segue, acaba por prestar um desserviço, pois trunca a linha de pensamento do apóstolo e interrompe a continuidade do assunto. O leitor fica com a impressão de que Paulo acabou de falar sobre o Espírito Santo no versículo 21 e que, no 22, começa a falar de outro assunto completamente diferente, que é a família cristã.

Na realidade, Paulo não começa um novo assunto no versículo 22, mas simplesmente expande o que havia dito nos versículos 18 a 21. Essa relação é mais fácil de perceber no texto grego. Literalmente, os versículos 21 e 22 estão assim: “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo, as mulheres ao seu próprio marido”.

Vamos explicar esse fato de outra maneira, para facilitar a compreensão. No versículo 18, Paulo exorta os crentes: “[...] *enchei-vos do Espírito*”. Perguntemos ao apóstolo quais são os passos necessários para obedecer a essa ordem. A resposta vem a seguir. Ele diz: “falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai [...], sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.19-21). A última determinação significa que os cristãos devem acatar os outros cristãos que se encontram em posição de autoridade.

Nos versículos seguintes, o apóstolo trata desses casos em particular, desenvolvendo o “sujeitando-vos” na área do casamento (Ef 5.22-33), da família (Ef 6.1-4) e da sociedade (Ef 6.5-9). Tudo o que Paulo ensina nesses versículos está diretamente ligado à ordem para que nos enchamos do Espírito. O vínculo é o conceito de sujeição: as esposas sujeitam-se aos maridos; os filhos, aos pais; os servos, aos senhores (existe uma determinação aos homens e aos pais de cumprimento da sujeição mútua, mencionada por Paulo no versículo 21, que será discutida mais adiante neste livro).

Portanto, o ensino de Paulo sobre o casamento e a família (e também sobre nossos relacionamentos no trabalho) é a continuação explicativa do mandamento “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”, que por sua vez é uma explicação do mandamento principal, “*enchei-vos do Espírito*”.

*A Bíblia e sua família*, Augustus Nicodemus Lopes e Minka Schalkwijk Lopes, Editora Cultura Cristã